

INSTITUTO
 SOCIOAMBIENTAL
 Documentação
 Fonte: DOU, 51 (136)
 Data: 17/07/2003 Pg. 35-6
 Class.: GH000021

Em 16 de julho de 2003

Nº 67 - O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/2094/00, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria do antropólogo GIOVANI JOSÉ DA SILVA com a colaboração do antropólogo JORGE LUIZ DE PAULA, que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena BAIÁ DOS GUATÓS de ocupação do grupo tribal Guató, localizada nos municípios de Barão de Melgaço e Poconé, Estado do Mato Grosso;
2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Mato Grosso, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96;
3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede das Prefeituras Municipais da situação do imóvel.

EDUARDO AGUIAR DE ALMEIDA

ANEXO

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA BAIÁ DOS GUATÓ

Referência: Processo FUNAI/BSB 2.094/2000. Superfície: 19.164 ha (aprox.). Perímetro: 102 km (aprox.). Localização: Municípios de Barão de Melgaço e Poconé, Estado de Mato Grosso. Sociedade Indígena: Guató. Filiação Lingüística: Tronco Macro-Jê. População: 72 habitantes (2000). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico instituído pela Portaria nº 1.145/PRES, de 8 de novembro de 2000, coordenado pelo antropólogo Giovanni José da Silva com a colaboração do antropólogo Jorge Luiz de Paula.

I - DADOS GERAIS: Os Guató, considerados o povo do Pantanal por excelência - ou Maguató como se autodenominam -, falam um idioma pertencente ao tronco Macro-Jê e ocupavam a região sudoeste do Estado de Mato Grosso, abrangendo terras que hoje pertencem a este estado, ao Estado de Mato Grosso do Sul e à Bolívia. Habitavam as ilhas e ao longo das margens do rio Paraguai, desde as proximidades de Cáceres até a região do Caracará (rios São Lourenço e Paraguai), passando pelas lagoas Gaíba e Uberaba e, na direção Leste, às margens do rio São Lourenço. Este território foi registrado por viajantes e cronistas como pertencente ao povo Guató, desde o século XVI.

A ocupação Guató na área citada permaneceu relativamente estável até meados do século XIX, quando se intensificou o processo de ocupação da região do Alto Paraguai, especialmente após a Guerra contra o Paraguai. A historiografia sobre os Guató, portanto, não oferece dúvidas quanto à extensa área que outrora ocupavam, onde se encontravam dispersos em pequenos núcleos familiares.

Os Guató foram dados como extintos até que, no início dos anos 1970, missionários da equipe indigenista de Corumbá, Mato Grosso do Sul, identificaram alguns desses índios vivendo na periferia daquela cidade. Através deles foram localizados outros, vivendo em parte nos seus territórios tradicionais e ainda fazendo uso cotidiano da língua Guató. A FUNAI, então, deu início ao processo de identificação dos Guató, chegando mesmo seus servidores a visitar os indígenas do rio São Lourenço/ Perigara.

Os Guató nunca foram, na verdade, muito numerosos. Desde as primeiras notícias que se tem, dos viajantes espanhóis que percorreram o Alto Paraguai, foram mencionados como um grupo pacífico e, ao mesmo tempo, arredio. A primeira referência que se conhece nos livros é de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, que cita os índios Guató em passagens de seus "Commentarios". Outros autores, como Guzman e Hervás y Azara, citaram os Guató em seus escritos ainda no século XVI. Em 1633, os Guató são mencionados entre as nações de índios a serem submetidos às pregações dos padres da Companhia de Jesus. Em El Paraguay Católico, o padre Sánchez Labrador relata que alguns Mbayá-Guaikuru haviam lhe falado, em 1767, sobre os Guató, que cultivavam milho, abóbora, batatas e algodão em pequenas roças plantadas sobre "aterrados" - terrenos elevados artificialmente com conchas e areia para não serem inundados pelas enchentes. Em 1809, Felix de Azara narrou seu encontro com alguns Guató, habitantes de uma lagoa do lado ocidental do Rio Paraguai, deixando importantes registros históricos sobre eles. As melhores imagens que se têm dos Guató do século XIX são as elaboradas por Hercules Florence, desenhista auxiliar da Expedição Langsdorff, que identificou os Guató vivendo às margens dos rios Paraguai e São Lourenço. Vinte anos depois, em 1845, outro francês, o naturalista Castelnau, visitou a mesma região e complementou as observações feitas por Florence. Num documento, datado de 1848, intitulado Notícia sobre os índios de Mato Grosso, este naturalista localizou os Guató nos rios Paraguai e São Lourenço e Lagoas Gaíba e Uberaba. Os alemães Von Martius e Karl von den Steinen referem-se também aos Guató, em obras publicadas respectivamente em 1867 e 1872. Couto Magalhães, presidente da Província de Mato Grosso durante a Guerra contra o Paraguai registrou, em 1876, a colaboração dos Guató ao Exército Brasileiro. Em 1901 chegou à região o etnólogo que fez o estudo mais completo sobre os Guató: o alemão Max Schmidt. Ao longo de três viagens (1901, 1910 e 1928) estudou-lhes a história, costumes, cultura material, a etnia e fez um vocabulário da língua.

Sobre a organização social do grupo, salienta-se que as famílias Guató viviam isoladas umas das outras e eram autônomas. Dentro da família havia a distribuição regulamentada de tarefas. A organização social era patrilinear e a residência dos recém-casados, patrilocal. O contato entre os diferentes grupos (Alto Paraguai, São Lourenço e Ilha Ínsua) era alicerçado nas alianças matrimoniais; que se realizavam durante o período das cheias - as festas da Tchitcha de acuri - provavelmente na Ilha Ínsua, considerada como centro do universo e território sagrado. Conforme relato dos viajantes acima mencionados, destaca-se a existência de uma chefia em cada um dos núcleos, a partir de uma linha de germanos do sexo masculino, prevalecendo a liderança do irmão mais velho. Sendo o Guató um típico representante dos grupos canoeiros que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Mato-grossense, as estratégias utilizadas de ocupação desse espaço estão relacionadas a fatores cultural e ambiental importantes à subsistência do grupo, sendo que cada família Guató depende fundamentalmente da sua capacidade autônoma em obter os recursos necessários para sua sobrevivência.

Os Guató, como outros grupos que habitaram a região, estavam submetidos a pressões naturais, tais como, ser canoeiros de grande mobilidade espacial, ter uma semelhante forma de organização social, possuir a mesma dinâmica de assentamentos sazonais, subsistir fundamentalmente da exploração dos recursos naturais ali existentes e portar uma tecnologia de nível bastante simples quanto aos produtos finais.

II - HABITAÇÃO PERMANENTE: O Guató Domingos Manoel de Amorim, de mais de 70 anos de idade, nascido na Baía das Capivaras, viveu durante esse tempo todo na região, indo de um lugar a outro, "conforme a necessidade", segundo seu depoimento. O que aconteceu, na verdade, é que os fazendeiros foram chegando à área, a partir da segunda década do século XX e obrigando as famílias Guató a se deslocarem. Dessa forma, o senhor Domingos e sua família, por exemplo, já moraram nos locais Aterrado do Bananal, Aldeia Alegria, Baía das Capivaras, margens do São Lourenço, indo finalmente se instalar no Aterro São Benedito há cerca de 25 anos, o qual é um pedaço de terra cedido por um ex-proprietário de uma fazenda local. São poucos hectares de terra, outrora alagadiços, em que o senhor Domingos Guató mantém uma pequena roça de subsistência.

O senhor Domingos relatou pelo menos uma história tradicional relacionada à figueira, afirmando ser uma das árvores mais procuradas pelos Guató para se construir junto a elas um abrigo, uma casa, o que confirma a informação de Max Schmidt, recolhida no início do século XX. No passado, os Guató possuíam habitações que podem ser classificadas como abrigos provisórios e casas permanentes. Atualmente, as casas são feitas de madeira (pau a pique, recobertas com barrotes) e cobertas com a palha da palmeira acuri, possuindo uma cumeeira alta a fim de evitar que as chuvas torrenciais, que caem em determinadas épocas do ano na região, provoquem danos ao interior de casa. Não há energia elétrica e a água consumida é a do rio que, após permanecer em tonéis, onde ocorre um processo natural de decantação, é tratada com sulfato de alumínio.

Um dos locais de forte evidência da ancestralidade da ocupação Guató na região é o Aterrado do Bananal. Do Aterro São Benedito se tem acesso a este local através de um braço de rio que liga o São Lourenço/ Perigara ao Cuiabá. O senhor Domingos já foi morador do local e assegurou que ali há um cemitério de crianças ("cemitério de anjinho") Guató, informação confirmada pela arqueóloga Maria Clara Miglácio (IPHAN). Hoje vivem nele duas famílias Guató, existindo ali uma roça de subsistência. Outro local é o chamado Aterrado, o qual tem incidente em seus limites a totalidade da área da Fazenda Coqueiro. Farto em material lítico à superfície, comprova que outrora era utilizado como acampamento de pesca pelo povo Guató, o sendo ainda hoje, mas os índios são cautelosos ao afirmarem que procuram o local, pois há uma proibição expressa por parte dos fazendeiros de circulação nessa área. Aliás, a própria toponímia dos locais na região remete constantemente à presença Guató no passado e no presente: Corixo do Guató, Baía dos Guató. Esse fato é outra evidência incontestável de ocupação antiga.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS: Os Guató viviam da pesca, da caça, da coleta e da agricultura. Por outro lado, dada a continuidade da ocupação no território antes configurado, pode-se pressupor que os grupos conseguiram seu sustento dentro dos limites de seus próprios domínios. A pesca era realizada na canoa durante o ano inteiro e por todos os membros da família. A coleta era diversificada, destacando-se a do arroz-do-pantanal ou arroz-bravo, espécie nativa colhida nos períodos de cheias. Muitas frutas eram apreciadas, especialmente acuri, forno d'água e sitobá (situpá). A palmeira acuri era essencial, pois era explorada de várias maneiras: retiravam Tchitcha, confeccionavam utensílios, além de aproveitarem o fruto na alimentação, como já mencionado. Hoje serve, sobretudo, para a cobertura das casas dos Guató.

Os Guató possuíam três tipos básicos de assentamentos, ocupados sazonalmente: os aterros, as beiras de rios e as beiras de morrarias. Esses tipos de ocupações estão relacionados a três fatores culturais e em termos ecológicos importantes para a sobrevivência do grupo, aquático, por excelência: a sazonalidade (períodos de seca e de cheia), as formas de organização social (famílias autônomas) e a grande mobilidade fluvial. Essa mobilidade espacial ocorre em decorrência do uso da canoa como principal e decisivo meio de transporte.

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte: DOU, 51 (136)
Data: 17/07/2003 Pg. COU.
Class.: 640.007.21

Sabe-se que os Guató tradicionalmente cultivavam milho, cará, mandioca, abóbora, banana, cana-de-açúcar, algodão e fumo. Quanto às atividades produtivas da atualidade, os Guató pescam, caçam, coletam e praticam a agricultura. Não há, entretanto, no exíguo espaço em que habitam, madeira para a confecção de equipamentos para a produção e, muito menos para a fabricação de canoas ou zingas. No período em que não estão pescando, fazem a coleta de iscas, guardadas em depósitos (valas).

No tempo das águas (cheia), a principal atividade é a pesca e no tempo da seca, a agricultura e a criação de iscas. Na piracema, a pesca tem que ser feita nos barrancos e o limite diário é de cinco quilos por pessoa. Mesmo assim, os índios mantêm tanques no mato, contendo iscas e pescam de barco, a fim de alimentar a família, pois esta prática corresponde à forma tradicional de manejo pelo grupo. A coleta do mel é realizada para a venda, sendo este um produto bastante procurado por turistas.

O período bom para a atividade, segundo os índios, é a partir de outubro, tempo das águas. Aliás, a percepção de tempo e espaço dos Guató está intimamente relacionada aos ciclos de seca (de junho a novembro) e de águas (de dezembro a maio). O ciclo lunar é respeitado, havendo "luas boas" para a pesca e outras nem tanto. Na seca fica mais fácil coletar iscas e a caça é realizada indistintamente, tanto na seca quanto na época das águas. No tempo das águas é bom para pescar, quando há muitas frutas madurando (marmelo, roncador, goiabinha, etc.). Os gêneros de primeira necessidade são fornecidos por um barco que percorre, de tempos em tempos, os rios da região, vendendo artigos a preços exorbitantes. Verificam-se alterações ocorridas na economia tradicional do grupo, a partir do contato com a sociedade envolvente. Estas alterações trouxeram problemas que só serão resolvidos com a demarcação de um território em que os Guató possam realizar suas atividades produtivas de manejo e de sustentabilidade.

IV - MEIO AMBIENTE: As informações levantadas priorizam verificar o modo de vida dos Guató, quanto à exploração das unidades de paisagem e das comunidades biológicas, visando verificar quais tipos de unidades eles estavam podendo utilizar, de fato, e quais eles, potencialmente, podem manejar, em face do seu etnoconhecimento, para a sua reprodução biológica e cultural.

Entre os ambientes permanentemente aquáticos usados atualmente e no passado pelos Guató estão os rios São Lourenço/Perigara e o Rio Cuiabá, que se apresentam entrecortados por diversos corpos de água como corixos, tais como o Corixo da Mata do Bebe, Corixo São Benedito, Corixo do Cambará, Ninho de Passarinho, entre outros, e diversas bafas, como, por exemplo, as bafas Guató e das Capivaras. As áreas alagadiças representam uma grande diversidade de habitats periodicamente secos e inundados, localizados numa região chamada de Zona de Transição Aquática Terrestre e ocupadas por diferentes tipos de vegetação terrestre e aquática interrompida por habitats permanentemente aquáticos, tais como canais, lagoas, áreas pantanosas. Durante as enchentes, estas vastas áreas são acopladas ao canal principal recebendo água, nutrientes dissolvidos, sedimentos da área de captação, atuando, por seu lado, como uma área de alta produção biológica. Animais aquáticos fazem migrações longitudinais e laterais, a fim de se beneficiarem, durante as enchentes, da produtividade das áreas alagáveis, enquanto animais terrestres migram durante as épocas secas para as áreas alagáveis.

A área proposta a ser delimitada para os Guató e seu entorno está constituída em sua maior parte por áreas alagáveis. Esses ambientes permanentemente aquáticos e alagáveis são manejados pelos índios principalmente para a pesca e a navegação. No Pantanal ocorrem 264 espécies de peixes, sendo que os Guató reconhecem 129 espécies. Este etnoconhecimento tem favorecido contatos mais recentes com os fazendeiros, hotéis e turistas e devido à atividade turística ser bastante intensa, a pesca de iscas é a principal fonte de renda entre os Guató. Ela ocorre principalmente no período de alta temporada (maio a setembro). Os Guató destacam-se no manejo da pesca e têm conhecimentos relativos à classificação de peixes para alimentação, para iscas e sobre as interações tróficas. As espécies mais comuns de peixes entre os Guató são tucará, sauru, lambari, sardinha e mussum, entre outros. O manejo da pesca também depende do etnoconhecimento sobre as redes alimentares, distribuição das "fruteiras" e critérios de seleção. Utilizam ainda espécies vegetais para variados fins, demonstrando um vasto conhecimento das interações ecológicas que permeiam e sustentam o funcionamento da biodiversidade onde vivem.

Os ambientes terrestres estão representados pelos capões, cordilheiras, diques marginais (barrancos) e aterros, na área a ser delimitada para os Guató e no seu entorno, sendo raramente inundáveis. A agricultura é realizada nos capões e cordilheiras. Ainda que haja na região extensas áreas com essas unidades de paisagem, os Guató não têm acesso a estas terras. O cuidado com a roça é feito pelo patriarca da família, apresentando algumas variedades de mandioca, banana e algumas espécies da flora regional. As espécies obedecem a um nível de classificação segundo seu valor econômico e/ou ecológico. Destaca-se na Terra Indígena Bafa dos Guató um exemplo de manejo de uma área alagável, as unidades de paisagem construídas pelos Guató, os conhecidos "aterros". A construção de aterros na região constitui uma estratégia de aumentar a extensão de terras não inundáveis numa área alagável como o Pantanal.

Os Guató utilizam as plantas para diversos usos: na medicina, na construção de casas e utensílios, na pesca e na alimentação, distribuídas nos ambientes citados anteriormente, reconhecendo a maioria das espécies já identificadas, tanto de arbóreas, quanto de herbáceas. O uso das espécies vegetais é tão intenso no cotidiano dos Guató que se encontrou cerca de 10 espécies diferentes na construção de um quarto. As plantas medicinais são coletadas nas matas, capão e campos do entorno e cultivadas em pequenos espaços nas moradias. O Pantanal enfrenta hoje uma série de ameaças em face de sua fragilidade e sua extrema dependência do pulso de inundação e das formas de ocupação das áreas de captação da bacia. A substituição da cobertura vegetal de savanas e florestas decíduas e semidecíduas por monoculturas de soja e pastagens, promovida pelo modelo agrícola

adotado a partir da década de 1970, resultaram na fragmentação dos cerrados, na perda da biodiversidade, erosão e assoreamento nas cabeceiras e no aumento da carga sedimentar dos rios que alimentam o Pantanal. Importantes rios da bacia do Alto Paraguai, como o Taquari e o São Lourenço, têm mostrado recentemente, nas suas constantes mudanças de leito, invasão e arrombamento de diques marginais, os reflexos do uso inadequado da área de captação da bacia do Alto Paraguai. No caso dos Guató, que habitam o Rio São Lourenço/Perigara, na sua confluência com o Rio Cuiabá, o impacto da agricultura na área de captação da bacia do São Lourenço, reflete-se, agudamente, nas características limpológicas, principalmente da turbidez. Estas condições colocam as comunidades tradicionais e as etnias que habitam o Pantanal e que têm uma dependência maior e mais intensa da biodiversidade e dos sistemas ecológicos locais, numa situação delicada para garantir sua sobrevivência. Internamente, o turismo representa duas faces da atual condição em que vivem os Guató, por um lado representa o elo mais importante de troca de mercadorias e, de outro, um aumento da pressão sobre a pesca.

A dimensão temporal dos Guató é marcada fortemente pelo ciclo das águas e nas mudanças mais recentes ocorre um marcador expressivo representado pela presença dos turistas, refletindo o papel destes na vida dos índios. Segundo os Guató, os turistas começaram a vir para a área há mais ou menos 30 anos atrás. O Pantanal também é alvo de algumas iniciativas para a sua conservação, como a criação dos Sítios de Patrimônio da Humanidade, à jusante da área proposta para os Guató, com a sua denominação em Reserva de Biosfera. A delimitação da T. I. Bafa dos Guató tem, portanto, uma grande importância no contexto da conservação do Pantanal, pois vem garantir a sua manutenção.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL: Em termos de educação formal, há uma escola na região, funcionando de forma precária, da 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, em que estudam crianças indígenas e não índias, próxima ao Aterro São Benedito. Só quatro crianças indígenas, porém, frequentam essa escola. A maioria dos adultos mal sabe assinar o próprio nome. Não havia atendimento médico ou odontológico na área, sendo que, recentemente, a FUNAI/AER, Cuiabá, encaminhou à Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), alguns Guató com problemas de saúde.

Quanto à língua, o único falante do idioma Guató encontrado foi o senhor Domingos Manoel de Amorim. Entretanto, por causa da idade avançada e por não ter outros falantes à volta, o senhor Domingos não pratica o idioma. A cultura material Guató basicamente, pode ser compreendida em equipamentos de subsistência e equipamentos domésticos e de trabalho. Parte dessa cultura material é reproduzida nos dias de hoje, ainda que com dificuldades, tendo em vista os Guató não dispõem de acesso às terras onde poderiam adquirir matéria-prima. Os Guató sepultavam seus mortos em valas e locais protegidos das cheias. Hoje, na falta de espaço, enterram seus mortos num cemitério em que dividem com não índios, localizado à margem esquerda do rio São Lourenço/Perigara. A forma como enterram os cadáveres, porém, mantém a tradição Guató de se colocar os pés voltados para o Leste (Nascente), o que é confirmado pelos dados de Max Schmidt. O cemitério de crianças, no Aterrado do Bananal, não é mais utilizado, sendo considerado um local sagrado. Quanto a festas e rituais, consumiam o vinho da palmeira acuri (tchitcha) e realizavam o cururu, em que faziam uma roda e dançavam durante várias horas, utilizando a viola de cocho e o caracaxá (ganzá). Na atualidade, o uso destes instrumentos musicais se dá durante a dança do Cururu e do Siriri. A grande festa realizada entre eles é a de São João, ocorrida anualmente em 24 de junho.

Confinados, em sua maioria, num exíguo trecho de terras de dois hectares, não por acaso um aterro, tem ameaçada a sua existência enquanto grupo devido a falta de espaço para se reproduzir física e culturalmente. Hoje são 72 índios Guató e 11 não índios com relações de parentesco com aqueles vivendo na Terra Indígena identificada.

VI - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO: É historicamente sabido que a ocupação não índia da região do Pantanal é antiga, e objetivava inicialmente o controle das rotas comerciais fluviais, a partir da descoberta de minas de ouro no Centro-Oeste, concentrando-se a ocupação às margens dos grandes rios navegáveis, tais como o Paraguai, o São Lourenço e o Cuiabá. Das atuais ocupações não indígenas incidentes na área identificada, em parte derivam basicamente de dois títulos definitivos, concedidos pelo Governo de Mato Grosso, sendo alguns dos ocupantes atuais herdeiros dos proprietários primitivos. Tais títulos, segundo mosaico fornecido pelo INTERMAT, incidem apenas sobre uma pequena parcela das terras identificadas. Segundo os dados coletados, cada uma dessas áreas abriga, em média, 4 a 5 pessoas, constituindo-se geralmente em uma única família. No total foi informada a existência de apenas 29 pessoas residentes nas propriedades, entre as quais poderiam ser destacadas duas famílias indígenas, com 04 pessoas, da qual apenas o chefe não tem origem indígena, sendo empregado da fazenda. Excluindo-se os três indígenas que também habitam a área, teríamos uma baixíssima densidade demográfica para o perímetro delimitado, da ordem de aproximadamente um habitante não índio para cada 800 ha. Conforme consta dos LVAS, a maioria dos ocupantes declarou ter sempre sabido que ali habitavam índios e que com eles mantinham relações amigáveis. O reconhecimento regional da existência dos índios é tal que motivou a denominação de várias das propriedades, como as Fazendas Baía dos Guató, Águas dos Guató e Aterrado do Bananal. A atividade econômica principal, quase a única praticada na área delimitada, é a pecuária extensiva. A maioria das benfeitorias são casas de moradia, depósitos e barracos, boa parte destes construídos com recursos naturais da região. Destacam-se ainda, em quantidade, as cercaças, a maioria delas também construída com madeira do próprio local. É relativamente freqüente a existência de currais, alguns no estilo pantaneiro, cercados de madeira regional, além de pistas de pouso (03), registrando-se ainda a ocorrência de plantio de frutíferas, sem fins comerciais. A relação de ocupantes não índios, de acordo com os Laudos de Vistoria e Avaliação de Benfeitorias (LVAS), ficou assim constituída, organizada com discriminação do nome do ocupante e situação da ocupação: Ruth Faro Dorileo, pro-

prietário; Ives Apoitia, proprietário; Maria Emilia P. de Mendonça, arrendatária; Luiz de Figueiredo Barreto, proprietário; Edval F. de Arruda Martins, proprietário; Maria Emilia P. de Mendonça, situação não identificada; Ênio José de Arruda, proprietário; Benedito Bernardo de Arruda, proprietário; Amélia Francisca Amorim, situação não identificada; Aurílio Soares da Penha, posseiro.

VII - CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO: Os índios encontrados pela expedição que percorreu parte do Pantanal de Mato Grosso, entre novembro e dezembro de 2000, estão localizados às margens dos rios São Lourenço/ Perigara e Cuiabá. Numa área chamada de Aterradinho do Bananal, às margens do rio Cuiabá. Ao todo foram encontrados setenta e dois Guatô na região. Comprovou-se, através das pesquisas de campo e das entrevistas realizadas com os Guatô e os Bororo, este último grupo indígena habitante da TI Perigara, que os Guatô habitam a região há mais de cem anos, pelo menos, e que, em sua maioria, foram sendo expulsos das terras por fazendeiros de forma violenta. A redescoberta dos Guatô na década de 1970, deu início a uma luta pela recuperação do território tradicional deste povo, especialmente da Ilha Ínsua, situada entre as baías Gaíba e Uberaba. Portanto, oficialmente, a situação desses índios não é desconhecida, sendo objeto de estudos desde o final da década de 1970. Estes estudos reconhecem a existência histórica de três grupos locais distintos entre os Guatô: margens do Alto Paraguai, Lagoas Gaíba e Uberaba e os do baixo rio São Lourenço. Os Guatô, portanto, sempre ocuparam uma extensa faixa de terras pantaneiras, englobando as bacias dos rios Paraguai, São Lourenço e Cuiabá. O grupo familiar em questão encontra-se, dessa forma, na mesma região em que seus antepassados viveram. No presente estudo ficou constatado que a ocupação Guatô sobre esse território se dá em caráter permanente, que estas terras são utilizadas em suas atividades produtivas e que são imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a sua reprodução física e cultural. Verificou-se, contudo, que a sua problemática principal é a questão da ocupação da terra. O Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Baía dos Guatô, datado de maio de 2002, aqui resumido, resultou das determinações da Portaria nº 1.145/PRES, de 08/11/2000, publicada no DOU de 09/11/2000.

Diante do apresentado, a delimitação das terras ora identificadas como Terra Indígena Baía dos Guatô, reconhece o direito constitucionalmente assegurado no que tange à posse permanente e usufruto exclusivo de terras tradicionalmente ocupadas pelo povo indígena Guatô. Na perspectiva jurídico-constitucional vigente, a proposta de delimitação do GT/Portaria nº 1.145/PRES/00 está conforme os princípios do art. 231 da Constituição Federal e da legislação ordinária correlata, o Decreto nº 1.775/96 e a Portaria nº

14/MI/96, o GT submeteu a presente proposta à anuência dos indígenas Guatô residentes na TI Baía dos Guatô, tendo sido aprovada pela comunidade com os limites constantes no memorial descritivo e no mapa de delimitação a seguir.

GIOVANI JOSÉ DA SILVA
 Antropólogo/Coordenador do GT Guatô

JORGE LUIZ DE PAULA
 Antropólogo/FUNAI

MEMORIAL DESCRITIVO - DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

NORTE: partindo do ponto P-01, de coordenadas geográficas aproximadas 16°53'33" S e 56°36'10" WGr., localizado na confluência do Rio Cuiabá com o Corixo Ichuzinho, segue pela margem esquerda deste, a montante, até o ponto P-02, de coordenadas geográficas aproximadas 16°53'36" S e 56°35'53" WGr., localizado na confluência com um córrego sem denominação; daí, segue por sua margem esquerda, a montante, até o ponto P-03, de coordenadas geográficas aproximadas 16°53'14" S e 56°30'44" WGr., localizado na sua cabeceira; daí, segue por uma linha seca até o ponto P-04, de coordenadas geográficas aproximadas 16°53'14" S e 56°28'37" WGr., localizado na margem direita do Corixo do Bebe; **LESTE:** do ponto antes descrito, segue pela margem direita do Corixo do Bebe, a jusante, até o ponto P-05, de coordenadas geográficas aproximadas 16°59'47" S e 56°32'18" WGr., localizado na sua margem esquerda; daí, segue por uma linha seca até o ponto P-06, de coordenadas geográficas aproximadas 17°00'13" S e 56°31'17" WGr., localizado na margem esquerda do Córrego São Benedito; daí, segue pela margem direita deste, a jusante, até o ponto P-07, de coordenadas geográficas aproximadas 16°59'55" S e 56°27'25" WGr., localizado na confluência com o Rio Pirigara; **SUL:** do ponto antes descrito, segue pela margem direita do Rio Pirigara, a jusante, até o ponto P-08, de coordenadas geográficas aproximadas 17°04'14" S e 56°34'15" WGr., localizado na confluência com o braço esquerdo do Rio Cuiabá; **OESTE:** do ponto antes descrito, segue pela margem esquerda do braço esquerdo do Rio Cuiabá, a montante, até o ponto P-09, de coordenadas geográficas 17°03'16" S e 56°34'58" WGr., localizado na confluência com o braço principal do Rio Cuiabá; daí, segue pela margem esquerda deste rio, a montante, até o ponto P-01, início da descrição deste perímetro; **OBS:** 1- Base cartográfica utilizada na elaboração deste memorial descritivo: SE.21-X-A-IV, SE.21-X-A-V, SE.21-X-C-I e SE.21-X-C-II - Escala 1:100.000 - DSG - Ano 1976; 2- As coordenadas citadas neste memorial são referenciadas ao Datum Horizontal Córrego Alegre. Responsável Técnico pela Identificação dos Limites: Gilmar Campos Soeiro, Técnico Agrimensor - AER CGB, CREA - MT nº 7.734/TD

